

Coleção Vértice

127

UM TREM QUE PASSA

Relatos de pessoas que embarcaram
no trem da sua vocação

JOSÉ MARIA RODRIGUEZ RAMOS

UM TREM QUE PASSA

Relatos de pessoas que embarcaram
no trem da sua vocação



QUADRANTE

São Paulo

2021

Copyright © 2021 Quadrante Editora

Capa
Douglas Catisti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, José Maria Rodriguez

Um trem que passa / José Maria Rodriguez Ramos. – 1ª ed. –
São Paulo : Quadrante Editora, 2021.

ISBN: 978-65-86964-49-3

1. Ética 2. Filosofia (Ética) 3. Virtudes I. Título

21-54690

CDD 170

Índice para catálogo sistemático:

1. Ética : Filosofia 170

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Agradecimentos	7
Apresentação	9
Winston Churchill (1874-1965): coragem para agir	11
Pensamento	21
Viktor Frankl (1905-1997): um sentido para a vida.....	23
Dietrich von Hildebrand (1889-1977): Da filosofia à religião	35
Resumo biográfico e conversão.....	38
Perseguição e fuga para os Estados Unidos.....	46
Edith Stein (1891-1942): a ciência da Cruz	59
Últimos dias	59
Lembranças dos tempos de estudante.....	63
Edith jovem.....	63
Caminho para a fé.....	92
A voz de Deus	101
Madre Teresa de Calcutá (1910-1997): o fruto do serviço é a paz.....	103
O <i>business card</i> de Madre Teresa.....	111
O fruto do serviço é a paz	112
O fruto do amor é o serviço.....	115
O fruto da fé é o amor.....	118
O fruto da oração é a fé.....	120

O fruto do silêncio é a oração.....	122
Escuridão de Madre Teresa	122
Josemaria Escrivá (1902-1975): santificar o trabalho	
no meio do mundo	133
O trabalho entra em cena no século XX.....	136
Um pouco de história econômica	139
O trabalho na espiritualidade do Opus Dei.....	145
Walter J. Ciszek (1904-1984): fiel à missão divina	151
Rússia	160
Os interrogadores.....	169
O corpo.....	179
O trabalho	181
O sacerdócio.....	185
Apostolado	187
O significado da Missa.....	187
O medo da morte.....	188
Liberdade.....	190
Etsuro Sotoo: ouvir a voz da pedra	199
Considerações finais	209
Posfácio.....	211
Bibliografia.....	213
Notas.....	215

Agradecimentos

Vários amigos contribuíram com sugestões para melhorar este livro. Agradeço a leitura e comentários da versão inicial do texto de Rafael Ruiz González, Roberto Vidal da Silva Martins e especialmente a cuidadosa e detalhada revisão de Luiz Alberto de Souza Aranha Machado, colega de muitos anos de docência universitária. Juan Carlos Félix também leu um capítulo e sou grato a ele pelas suas observações. Com Sixto Vicente Barba comentei o projeto do livro tomando um café em São Paulo, quando ainda era apenas uma ideia. Neste meio tempo, Sixto foi para o céu e de lá intercede por nós.

Por último, desejo agradecer a colaboração sincronizada de toda a equipe da Editora Quadrante, que vai desde a prospecção, edição, revisão, diagramação, divulgação e comercialização dos livros, até a expedição final. O leitor é o grande beneficiado da competência deles: Renata Ferlin Sugai, Minoru Nomura, Hugo Langone Machado, Cristian Clemente, Alessandro Braz, José Pedro Moraes, Márcia Villegas, Sérgio Francisco Lopes Ramalho, Gabriela Haeitmann, Ronaldo Barbosa Vasconcelos, Vinicius Antunes Barros e Vinicius Gomes Lima. A todos, meu especial muito obrigado!

Apresentação

«Os dois dias mais importantes da sua vida são o dia em que você nasce e o dia em que descobre o porquê», Mark Twain.

Na vida de todos nós passa um trem... ou vários.

Um trem em que podemos subir ou que podemos deixar partir. O chefe da estação toca o sino. O maquinista apita. O vapor da locomotiva forma nuvens de fumaça, enevoando o ambiente. As rodas de ferro rangem e começam a girar lentamente. As pessoas despedem-se, acenando com lenços, e acompanham o movimento inicial da composição, que aumenta a marcha e, pouco a pouco, vence a inércia... Da plataforma, vê-se o trem afastar-se e diminuir de tamanho, rumo ao horizonte. Quem partiu nele, embarcou para uma aventura única e exclusiva.

Já quem ficou, sente o vazio de não ter galgado os degraus do vagão e sente sua alma rasgar-se na despedida. Não embarcou, deixou o trem partir... Quando passará o próximo? Talvez dentro de pouco tempo, talvez nunca.

Nas páginas que seguem, narro algumas experiências

de pessoas que não deixaram o trem partir. Descrevo, sempre que possível apoiado nos relatos dos próprios autores, as paisagens vitais que contemplaram durante a sua viagem e o destino das suas aventuras.

Para subir no trem, todas essas pessoas – mulheres e homens – precisaram de determinação, coragem, espírito de aventura, audácia e juventude de alma.

Winston Churchill (1874-1965): coragem para agir

«Liderar é servir»¹, Winston Churchill.

Um trem selou o destino de Winston Churchill rumo à liberdade e a uma nova vida, na África do Sul, quando ainda era um jovem com muito a aprender. As reflexões provocadas por essa viagem marcaram indelevelmente a sua concepção de vida.

Nas suas memórias de juventude, Churchill conta como formou a sua filosofia de vida. Ao completar 20 anos, em 1896, sentiu o desejo de uma formação intelectual mais profunda: «Comecei a perceber como até mesmo vagas noções me faltavam em mais de um ramo do conhecimento»².

Um dos campos de conhecimento em que reconhecia necessitar de uma melhor preparação era a ética. Nem na escola secundária nem na escola militar tinha chegado a estudá-la com um pouco mais de profundidade. Como ele próprio escreve:

O que vinha a ser, exatamente, essa palavra «ética»? Não me haviam falado nela, em Harrod ou em Sandhurst³. A julgar pelo sentido, pensei que poderia significar, ao mesmo tempo, «o espírito escolar», «pôr as cartas na mesa», «espírito de casta», «conduta irrepreensível», «patriotismo» etc. Depois, alguém me ensinou que a ética não se tratava apenas das regras de comportamento, mas precisamente do *porquê* dessas regras; fiquei sabendo que obras inteiras eram consagradas a essa palavra. Pagaria de boa vontade uma ou duas libras a quem me pudesse fazer uma conferência de hora e meia sobre ética. A extensão do seu sentido, seus principais capítulos, as questões fundamentais de que se ocupava e as controvérsias de que era objeto; quais as autoridades na matéria e os livros mais conhecidos sobre o assunto⁴.

Churchill nunca tinha estudado nada sobre os filósofos que trataram da ética. Não conhecia seus livros nem seu pensamento. Como se encontrava na Índia, em Bangalore, onde servia como militar do exército inglês, ninguém lá poderia esclarecer-lhe o assunto, embora almejasse por mergulhar nesse estudo. «Quem era Sócrates? [...] Gostaria de conhecer a história de Sócrates. Por que a sua fama atravessara tantos séculos?»⁵.

Essa motivação o levou a ler obras de história, filosofia, política... Da Inglaterra, sua mãe enviou-lhe um carregamento de livros, e assim o jovem pôde ler o *Declínio e Queda do Império Romano*, de Gibbon, os *Cantos da Roma antiga*, de Macaulay, *A República*, de Platão, *A Política*, de Aristóteles...

Essas leituras levaram Churchill a indagações religiosas. Frequentava a igreja semanalmente. O exército

permitia as práticas religiosas e não discriminava ninguém pela sua fé. No regimento, discutia essas questões com os colegas: «Geralmente concluíamos que, fazendo o possível para levar uma vida honrada e cumprir com nossos deveres, fiéis aos amigos e bons para com os fracos e pobres, tudo iria bem e pouco importava ser ou não ser crente»⁶.

A leitura de alguns livros contrários à religião, entretanto, fez com que atravessasse uma fase antirreligiosa. Como ele próprio admite: «Se eu houvesse frequentado a universidade, todas essas dificuldades teriam sido resolvidas pelos professores eminentes, eclesiásticos, que lá doutrinavam. Pelo menos indicariam livros com o mesmo poder de persuasão, demonstrativos do ponto de vista oposto, o que me evitaria, quem sabe, passar por essa violenta e agressiva fase antirreligiosa que, eternizada, talvez me tornasse insuportável»⁷.

Permaneceu então nele uma intuição que não se baseava em raciocínios, mas na experiência de vida. Os perigos e os desafios da vida inculcaram em Churchill a confiança em uma proteção superior: «Os frequentes contatos com o perigo restituíram-me o equilíbrio, nos anos subsequentes. Quaisquer que fossem minhas opiniões e argumentos contra a religião, verifiquei que não hesitava em invocar proteção especial ao me encontrar sob o fogo do inimigo e não conseguia evitar certo sentimento de gratidão ao voltar são e salvo para tomar meu chá. Cheguei a pedir coisas menos importantes do que a vida, e, quase sempre, durante esses anos, e mesmo em toda a minha vida, obtive o que pedi»⁸.

Uma dessas ocasiões memoráveis, que passou para a história, foi por ocasião da sua fuga de uma prisão na África do Sul. Após deixar o exército em março de 1899,

Churchill fora enviado como correspondente do jornal inglês *The Morning Post* para cobrir a Segunda Guerra Anglo-Bôer. Em 15 de novembro desse ano, viajava em um trem do Exército Britânico quando os bôeres atacaram e uma parte dos vagões descarrilou. Apesar de não ser mais oficial do exército, Churchill assumiu a liderança no resgate da locomotiva e dos feridos. O trem alcançou um destino seguro, mas Churchill foi capturado e levado para um campo de prisioneiros em Pretória⁹.

Churchill tentou argumentar, em sucessivas cartas endereçadas a Louis de Souza, secretário da guerra¹⁰, que devia ser solto, uma vez que não era combatente, mas sim correspondente de guerra. O argumento não foi aceito, uma vez que tivera uma participação decisiva no combate do trem. Sem perspectivas de soltura, Churchill decidiu fugir e preparou um plano junto com outros dois prisioneiros, o Capitão Haldane e o Tenente Brockie.

No dia de levar o plano à prática, somente Churchill foi capaz de escalar o muro da prisão durante a noite e passar sem ser visto por duas sentinelas, que estavam de costas, a quinze metros de distância donde ele caiu após ultrapassar o muro. Deslizou para um jardim vizinho e lá se escondeu em umas moitas. Em seguida, sem conhecer a cidade, começou a caminhar pelas ruas de Pretória até encontrar uma linha férrea. Escondeu-se a alguns metros da estação para poder subir em um trem. Aproveitando a baixa velocidade com que trafegava uma composição, escalou um dos vagões.

Amparado pela luz noturna, decidiu viajar em direção à fronteira com Moçambique, naquela época colônia portuguesa. Pulou do trem antes do alvorecer, para não ser visto durante o dia. Levantou-se sem ferimentos, procurou água e encontrou um poço de águas límpidas.

Foi nessa altura que caiu na conta da terrível situação em que se encontrava. Para não esquecer os seus sentimentos, escreveu na época aquilo que invadiu seu coração:

O sentimento de orgulho e de alegria que me transportava na noite precedente desaparecera por completo, e a reação que se seguira era bastante desagradável; sentia muita fome, pois não jantara antes de começar a viagem, e o chocolate, embora substancial, não satisfez o apetite. Dormira muito mal; meu coração batia com fúria; tão nervoso e perplexo estava pensando no que me esperava, que não conseguia descansar. Meditava em tudo o que se levantava contra mim; e mais do que tudo no mundo, eu temia e detestava a perspectiva de ser novamente capturado e conduzido a Pretória. Nenhum conforto me traziam as ideias filosóficas de que alguns homens se gabam quando se sentem fortes, inteiramente seguros de si mesmos, completamente à vontade. Essas convicções eram apenas boas para os dias felizes. Compreendi com dolorosa acuidade que nenhum esforço do meu pobre espírito e de minha fraqueza poderia me salvar de meus inimigos; sem o auxílio desse Poder que intervém na sequência eterna das causas e dos efeitos com mais frequência do que desejamos admitir, nunca eu me teria salvado. Em consequência, rezei muito fervorosamente, pedindo ajuda e conselho. Ao que parece, minha oração foi rápida e milagrosamente atendida¹¹.

Passou o dia observando a passagem dos trens e, ao chegar da noite, aproximou-se dos trilhos. Qual não seria a sua surpresa ao verificar que nenhum trem circulava naquela linha àquele horário. À meia noite, cansou-se de

esperar e começou a andar pela linha de trem, mas não chegou muito longe. As pontes estavam vigiadas por homens armados.

Enquanto caminhava, viu que à esquerda brilhavam duas ou três luzes na distância e decidiu ir até lá. Talvez lá morassem pessoas que não gostavam dos bôeres e que lhe dariam comida e refúgio. Ao aproximar-se percebeu tratar-se das construções de uma mina de carvão. Encontrou uma casa de pedra e resolveu bater à porta. Um homem de elevada estatura e vestido às pressas abriu e convidou Churchill a entrar.

Ao perceber que o anfitrião falava inglês, o fugitivo decidiu contar-lhe a verdade:

– Sou Winston Churchill, correspondente de guerra do *Morning Post*. Fugi a noite passada de Pretória. Estou a caminho para a fronteira. Tenho bastante dinheiro. Quer ajudar-me?

Fez-se de novo um longo silêncio. Meu companheiro levantou-se devagar e foi fechar a porta. Depois desse gesto, que me pareceu de mau agouro, e era perfeitamente ambíguo, avançou para mim e estendeu a mão direita:

– Louvado seja Deus! Ainda bem que o senhor veio dar aqui! É a única casa, nas vinte milhas em torno, onde não seria aprisionado. Mas aqui somos todos ingleses e havemos de ajudá-lo¹².

O hospedeiro era Mr. John Howard, diretor das minas do Transvaal. Naturalizado antes da guerra, foralhe permitido continuar a dirigir a mina. Naquele mesmo dia, o comandante do batalhão tinha perguntado pelo fugitivo.

Após proporcionar-lhe um farto e substancioso jantar, Mr. Howard o conduziu ao fundo da mina, enquanto preparava um plano de fuga. Três dias Churchill ficou escondido lá, em companhia de ratos brancos de olhos cor de rosa, que tinham sido introduzidos nas galerias para limpar a mina. Embora cumprissem perfeitamente a sua função, tinham-se proliferado e estavam em todos os cantos. Alimentado e bem disposto, ao fim do terceiro dia o perigo das buscas tinha diminuído e o jovem foi conduzido a um quarto pequeno, atrás do escritório da mina.

Mr. Howard, nesse intervalo, arquitetou o plano de fuga. Um ramal ferroviário chegava até a mina e servia de transporte para escoar a produção. De lá partiria um carregamento de lã de outro fazendeiro em direção a Lourenço Marques, capital de Moçambique. À noite, Churchill foi conduzido a um vagão carregado de lã. Inicialmente, arranjou-se num pequeno corredor entre os fardos, que depois atravessaria esgueirando-se até alcançar o centro do vagão. Lá encontrou um espaço maior onde pôde acomodar-se. Dois frangos, carne seca e garrafas de chá frio eram suas provisões de viagem. Também lhe haviam presenteado com um revólver.

O trem partiu de manhã em direção leste. Após um dia inteiro de viagem, em que Churchill acompanhou o passar das estações pelas frestas do vagão, o trem parou ao chegar da noite. Com medo de dormir e fazer barulho ao roncar, Churchill não conseguiu descansar com tranquilidade.

Na manhã do dia seguinte, a composição retomou o movimento rumo à fronteira. Perto do crepúsculo o trem chegou a Komatipoort, cidade fronteiriça, e estacionou: «Grande número de pessoas se agitava em

torno dos trens. Havia muito barulho, gritos e apitos. Depois dessa inspeção preliminar do local, refugiei-me, ao parar do trem, no centro de minha cidadela, e cobrindo-me com um pano de saco, estendi-me no fundo do vagão, à espera dos acontecimentos, com o coração aos saltos»¹³.

Felizmente a composição não foi revistada, e Churchill pôde dormir um pouco. Quando despertou, o trem permanecia parado, retomando a viagem somente às 11 horas. Na estação seguinte, ao olhar pela fresta do vagão, Churchill viu na plataforma uniformes e bonés de empregados portugueses e uma tabuleta em que estava escrito «Ressano Garcia»¹⁴. Conteve a explosão de alegria até que o trem se pôs novamente em movimento: «Depois, à medida que avançávamos em meio a um grande ruído de rodas e de ferragens, passei a cabeça por cima da lona e cantei, gritei, urrei com todas as forças dos meus pulmões. Estava tão transfigurado de alegria e reconhecimento que, por duas ou três vezes, detonei o revólver à guisa de foguetes. Nenhuma dessas loucuras teve um resultado desastroso»¹⁵.

No fim da tarde, chegou a Lourenço Marques (hoje Maputo, capital de Moçambique). No pátio de carga, entre o ir e vir dos carregadores, foi até o extremo do vagão e, sem ser notado, misturou-se na multidão, desaparecendo na cidade. Dirigiu-se ao consulado britânico, onde foi recebido com satisfação pelo cônsul e nessa mesma noite embarcou para Durban. Lá foi acolhido como herói e se alistou no exército como oficial para, dessa vez sim, combater o exército Bôer com a Grã-Bretanha.

Muitas aventuras e histórias ainda viveria Churchill ao longo da sua existência, na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais. As suas memórias de guerra testemu-

nham as muitas provas e dificuldades que deveria atravessar, mas é nas recordações de juventude que forjou as convicções e filosofia de vida – a sua ética poderíamos dizer. Essas convicções o acompanhariam pela vida inteira. Publicado em 1930, o volume *My early life* relata as suas memórias até 1908, «data em que me casei, para viver daí por diante sempre feliz»¹⁶.